

Referências para O Estudo da Etnobotânica dos Descendentes Culturais do Africano no Brasil

Ulysses P. ALBUQUERQUE

*Laboratório de Etnobotânica e Botânica Aplicada, Departamento de Botânica-CCB,
Universidade Federal de Pernambuco, Av. Prof. Nelson Chaves s/n, Recife, PE, Brasil.*

RESUMEN. Se hace una revisión sobre el uso de las plantas en las comunidades afrobrasileñas. Se realza la necesidad de interdisciplinariedad en estudios futuros.

SUMMARY. "References for the Study of Ethnobotany of the Cultural Descendants of African people in Brazil". A review is given on the use of plants by the afro-brazilian communities. Emphasis is placed in the interdisciplinary nature of future researches in this subject.

INTRODUÇÃO

O Brasil, como enfatizou Santos¹, é um país afro-luso-americano. Marcadamente africano pela profunda influência que se pode sentir pela assimilação dos costumes, tradições, religião, culinária e folclore do negro que foi elemento base no desenvolvimento da economia agrícola e minéria no período colonial e que imprimiu ao longo do tempo as suas marcas no Brasil¹. Visto esse fato por outro ângulo, o negro fez fortemente sentir a sua influência nos sistemas médicos tradicionais, lastreada por uma história empírica de convívio com a natureza e os recursos que dela buscavam nas preparações medicamentosas, onde vegetais, minerais e animais se associavam. Em função disso registra-se uma história botânica das trocas entre os povos africanos e os americanos. Rodrigues² foi um dos pesquisadores que discutiu sobre a predominância do povo africano que veio para o Brasil na condição de escravo, de onde surgiu o exclusivismo Sudanês em contraposição ao Banto defendido e propagado por pesquisadores diversos.

Segundo Ramos³ a cultura Yorubá forneceu um grande número de negros para o Brasil, originários da Costa dos Escravos. Muitos grupos genericamente conhecidos no Brasil por Nagô

vieram do sul e do centro do Daomé (de onde provém a maior parte dos Nagô brasileiros) e do sudoeste da Nigéria¹. Dos negros de origem Banto vieram populações do Congo, de Angola e Moçambique, que chegados no Brasil no período colonial foram localizados nos atuais estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo e Minas Gerais, enquanto os sudaneses (Jêje de Daomé e Nagô), que incluíam os grupos da África Ocidental (Nigéria, Benim), foram instalados nas zonas urbanas das principais capitais do Norte e Nordeste do país, como Salvador e Recife^{1,4}.

O candomblé, como um modelo de religião, congregação das sobrevivências étnicas da África, encontrou no Brasil campo vasto para disseminação e reinterpretação de acordo com a região em que se desenvolveu⁵. A organização dos modelos (nações) em função de similitudes lingüísticas permite apresentar o candomblé com o seguinte quadro: Nação Ketu-nagô (Yorubá), Nação Jeexá ou Ijexá (Yorubá), Nação Jêje (Fon), Nação Angola (Banto), Nação Congo (Banto), Nação Angola-congo (Banto), Nação de Caboclo (modelo afro-brasileiro)⁵. Acrescente-se que a utilização do binômio Jêje-nagô (muito empregado por pesquisadores), figura-se como uma união onde imperam motivos éticos e ri-

PALABRAS CLAVE: Etnobotânica, Comunidades afrobrasileñas, Botánica económica.
KEY WORDS: Ethnobotany, Afro-brazilian communities, Economic botany.